

# ★ UM GUIA PARA A DIREÇÃO TEATRAL

## Thiago Neves

Ator e arte-educador, formado em Bacharelado e Licenciatura pela Escola Superior de Artes Célia Helena, onde também cursou as pós-graduações em Arte e Educação, Interpretação teatral, Corpo: dança, teatro e performance e Dramaturgia: teatro, cinema e televisão.

TORRES NETO, W. L. **Introdução à direção teatral.**  
São Paulo: Unicamp, 2021. 239 p.

Começar um texto, uma conversa, um assunto, não é tarefa simples. São infinitas as possibilidades de diálogo que podem acontecer entre autores e leitores, ainda mais quando se vai apresentar algum tema para alguém. No caso de um tão profundo e extenso como a direção teatral, não poderia ser diferente. Walter Lima Torres Neto, entretanto, nos presentearia com sua *Introdução à direção teatral* de maneira generosa e detalhada, realizando, de fato, uma introdução, rica em muitos aspectos, acolhendo leitores que desejam conhecer possíveis caminhos sobre a direção teatral. E por que ele foi tão generoso?

São diversas as possibilidades de abordagens de um tema tão extenso como a direção teatral, mesmo falando do teatro ocidental. O Ocidente é a região escolhida pelo autor, que abarca nosso país e muitas das influências que construíram olhares para a direção teatral de hoje. O livro de Torres Neto se divide em quatro partes: “Direção e cultura teatral”, “O agenciamento da cena”, “O projeto de encenação” e por último, o “Caderno de imagens: esquemas, plantas e fotos de projetos cenográficos de Doris Rollemberg”.

Na primeira parte, a primeira pergunta que aparece é “o que é direção teatral?”, a questão mais introdutória que consigo imaginar, em se tratando da curiosidade acerca do tema da direção, que uma pessoa interessada pode se fazer. Para respondê-la, de maneira introdutória, como é a proposta do livro, o autor nos apresenta quatro caminhos de direção teatral que são parte da história do teatro

no Brasil e que foram se desenvolvendo ao longo do tempo, conforme a necessidade de criação ao longo do tempo. Torres Neto nos contextualiza historicamente cada tipo de direção existente, mostrando a razão de cada uma delas e como funcionavam os trabalhos em seus contextos específicos, que evoluem especificamente do século XIX até os dias de hoje, por meio de exemplos reais e de pensamentos da sociedade e dos artistas pertinentes às respectivas épocas. Realmente, além do aspecto técnico, é uma aula de teatro brasileiro.

As quatro figuras de direção teatral são: o ensaiador, o diretor teatral, o encenador e o performer. Quatro olhares sobre a construção de cena que foram se desenvolvendo ao longo da história do Brasil, desde um olhar para o teatro como uma tarefa de simplesmente decorar um texto e contar uma história, passando por diretores que se apropriaram do texto com seus olhares artísticos, até ensaiadores e *performers*, que optaram ou não pela utilização do texto, de maneira que se tornasse mais um dos diversos elementos da cena, como atores, música, cenografia etc.

Por falar em atores, música, cenário, entra a segunda parte, “O agenciamento da cena”. Nela, Torres Neto traz a preocupação de informar futuras e futuros diretores a ter um conhecimento suficiente não apenas sobre a cena em geral, mas a respeito do texto, com elenco, figurino, espaço, objetos de cena, som, luz, marcação, e, ainda, sobre o tempo e a sociabilidade teatral. Os dois últimos, especificamente, chamam a atenção pelo nível de sensibilidade

de que é preciso ter enquanto há um condutor do processo, um encenador, a dirigir uma peça e um grupo, e a sensibilidade que o autor teve ao colocar a importância desses. A música, o espaço, a luz, o som são aspectos físicos sobre os quais se tem uma percepção mais direta, mas o tempo e a sociabilidade teatral são aspectos do trabalho que só alguém sensível o suficiente pode perceber para conduzir, porque quando Torres Neto fala do tempo, não é apenas o tempo do relógio, cronometrado. Não se trata também apenas do espaço temporal da peça, de seus elementos que apresentam uma época, ou do cronograma de realização da peça. O “tempo” tem relação com tudo isso, mas, também, é a sensibilidade sobre o ritmo da cena, o que vai dizer muito sobre o efeito de uma peça sobre uma plateia, com variações de tons e intensidades que afetam a recepção da cena.

Sobre a sociabilidade, especificamente, é um tema bastante sutil, que diz respeito, entre outras coisas, ao olhar de condução de um processo, pensando em três pilares: identidade, imaginário e ideologia. Quer dizer, uma peça pode ter a melhor qualidade de elenco, de texto, de som e de luz, mas se não tem um pensamento, um diálogo e um contorno não se sustenta. O aspecto da sociabilidade trata do olhar para com o público do seu tempo, para a organização de um elenco, em suma, trata-se do material humano presente em processos teatrais. O olhar de Walter Lima Torres Neto é afiado em lembrar dos vínculos de artistas com sua arte e com seu público, ainda mais em tempos nos quais o pensamento crítico por vezes é descartado em propagandas, publicações em revistas e, às vezes, até em teatro. Dessa forma, o autor nos chama a atenção para um cuidado humano, que está para além do conhecimento técnico de teatro, um olhar que só pode ter quem já viveu de perto o trabalho de encenação.

Após nos apresentar um panorama histórico da direção teatral, com seus contextos, objetivos e características, e referir-se um pouco a cada aspecto do que constrói uma peça de teatro, o autor vai

para uma terceira parte, “O projeto de encenação”, na qual nos apresenta um passo a passo, ainda que de modo abrangente e completo, os componentes de um projeto de teatro. Quando digo que esse passo a passo é completo, é porque a forma pela qual são apresentados os componentes de um projeto (apresentação, justificativa, projetos de luz, som e figurino, ficha técnica, planilhas orçamentária e cronológica etc.), é feita por meio de dicas e perguntas, provocando o leitor e propondo um bate-papo, ao mesmo tempo. Essa abordagem torna a construção do projeto bastante objetiva, simples e justificada, de modo que quando se lê, se entende o porquê e como cada parte do projeto existe. A importância dessa parte se apresenta com um diferencial no livro, porque mostra na prática como escrever um projeto. Falar sobre direção é maravilhoso, mas apresentar a construção de um projeto leva em consideração as necessidades burocráticas para que o projeto venha a se realizar, já que é assim que encenadores concorrem a editais e patrocínios para levantar uma peça.

A última parte do livro é um caderno de imagens, no qual podemos ver plantas-baixas e desenhos de cenários, projetos e fotografias que vão desde os anfiteatros grego e romano, passando pelos palcos elisabetano e giratório, até os espaços de arena e semi-arena, corredores e outras disposições da cena contemporânea. As imagens ainda contam com legendas que situam o leitor em relação aos espaços da plateia, do prosênio, do coro e da orquestra, apresentando o esquema do palco giratório e do olhar em perspectiva, atentando para a ilusão que se criava com a peça naturalista, as marcações dispostas no esquema do palco italiano nas quais entravam protagonistas; as inovações de Gordon Craig e do teatro contemporâneo de uma maneira geral, com projetos da cenógrafa Doris Rollemberg, apresentando sua ousadia em relação ao uso do espaço aberto, com recursos como a projeção de imagens e sobreposição de elementos cênicos que trouxeram novos formatos de cena, mostrando de que maneira a cenografia dialoga

com a luz e a disposição do público, entre outras informações que deixariam a pessoa mais desaviada com uma base consistente da evolução dos cenários teatrais do Ocidente ao longo dos séculos.

São tantas as informações que nos são apresentadas com riqueza pelo autor que nem todas caberiam em uma resenha. Contudo, necessário se faz ressaltar duas características do livro: uma é o quanto o autor coloca em sua escrita exemplos de encenadores e pensadores do teatro, como Peter Brook, Gordon Craig, Zé Celso, Antunes Filho, Ariane Mnouchkine, Bertolt Brecht, Stanislavski, Grotowski, Meyerhold, Artaud, entre outros pensadores do teatro ocidental que o construíram com suas provocações técnicas e artísticas. Além de citar grandes mestres em seus exemplos, cita falas de pessoas que são parte do teatro e/ ou da literatura ocidental, em epígrafes apresentadas entre os capítulos do livro, tornando a leitura mais poética e abrangendo seus assuntos com outras vozes que não apenas a do autor. Essas epígrafes contam com contribuições de João Caetano, Augusto de Mello, André Antoine, Ruggero Jacobbi, Domingos Oliveira, Peter Brook, Tchekhov, Fernando Pessoa, Hannah Arendt, Franz Kafka, Fernanda Montenegro, entre outras.

A segunda característica do livro a ser ressaltada, e que é muito mobilizadora, é o posfácio “Um diretor em fuga”, escrito pelo professor e diretor André Carreira, que oferece provocações ao leitor a respeito do porquê e como realizar uma direção

teatral em um mundo permeado pelas mídias digitais, como pensar uma direção que não seja autoritária, quais as potências que o processo de criação tem em relação às apresentações teatrais, tanto no percurso da criação como na condução de atores e atrizes. Carreira também levanta a importância de diretores sempre se perguntarem, se problematizarem e se provocarem artisticamente para não se estagnar em uma forma consagrada e ultrapassada, olhando para o seu tempo e se transformando com ele.

Por isso, Walter Lima Torres Neto é generoso: por apresentar aos leitores o trajeto da direção teatral ocidental ao longo dos tempos, por instrumentalizar a pesquisa de um diretor em relação ao seu trabalho técnico e poético, mostrando diferentes olhares e vozes pertinentes à direção teatral no Ocidente, e, também, um caderno de imagens de cenografia que ilustra uma parte da história do teatro, além de apresentar exemplos de acontecimentos e transformações da linguagem teatral. Em poucas palavras, o autor mostra ao leitor algumas bases da direção teatral ocidental, ao mesmo tempo que o provoca a pensar sobre o propósito dessa prática hoje.

Começar um assunto, qualquer que seja, iniciá-lo de fato, apresentar um universo para outra pessoa, não é uma tarefa simples. Ainda bem que tivemos o olhar de Walter Lima Torres Neto para, cuidadosa e atenciosamente, explicar passos fundamentais da *Introdução à direção teatral*.

Recebido em 10 de julho de 2023.

Aprovado em 12 de julho de 2023.